

# Banqueiros querem pelo menos uma parte dos atrasados

O presidente do Banco de Tókyo no Brasil, Takanori Suzuki, acha inviável a proposta brasileira para a renegociação da dívida. Na sua opinião, dificilmente haverá um acordo sem que o governo concorde em pagar, pelo menos, uma parcela dos juros atrasados. Ele reconhece que o País não tem condições de pagar os US\$ 8 bilhões, mas não é justo que continue acumulando os atrasados e gastando parte das reservas para comprar os títulos da dívida.

Suzuki admite que a securitização é uma das alternativas possíveis no processo de renegociação, mas não de forma "totalmente fora do senso comum". Ele critica o fato de o Brasil não estar disposto a dar garantia para os seus títulos e considera o prazo proposto muito longo. "Ninguém sabe o que vai acontecer com o Brasil e o mundo em 45 anos."

O vice-presidente sênior do

Standard Chartered Bank, Igor Cornelsen, admite que a proposta brasileira "é muito boa na estrutura". Ele considera positivo o fato de o governo estar separando a dívida pública da privada e tornar voluntárias as linhas de crédito de curto prazo. Porém, Cornelsen acha que a proposta é irrealista, principalmente no que se refere aos títulos de longo prazo. Ele explica: os títulos brasileiros têm uma taxa implícita entre 18% e 19%. O governo está propondo a Libor e mais uma taxa média de 9%. Nos seus cálculos, isso faria com que os títulos de 45 anos ficassem com 2% do valor de face, em valor presente. Os bancos credores, observa, que não aceitam vender os títulos no mercado secundário por 23% do valor de face, certamente não vão aceitar essa proposta. Ele também não acredita na possibilidade de acordo em relação à capitalização dos juros.